
GARCIA, Regina Leite (org.). ***Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas***. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Eliana Aparecida Pires da Costa¹

Fomos mais uma vez brindadas com um novo volume da coleção *O sentido da escola*, desta vez tratando especificamente da infância, o que certamente muito interessará aos preocupados com as crianças, quer nas escolas, quer ainda em demais instituições, por trata-se de uma possibilidade de compreendê-las sob diversas perspectivas e muitos lugares, nestas 138 páginas.

Por estar juntando autores que falam a mesma língua, mas distam em Estados e Continentes, já nos emociona no alcance do que há de ser comunicado, do que pode ser sentido, do sentido que a de fazer às pessoas que vivem tão longe e ligados pela busca de uma sociedade justa, o que envolve plenamente a criança e sua condição de vida.

Em primeiro lugar vem Regina Garcia, com propriedade e autoridade que lhe é intrínseca, conceituando a criança sujeito social histórico de direitos conquistados com muita luta. Regina mostra que ser criança é muito diferente para uma criança de um lugar e de outro lugar, bem como de gêneros diferentes, de condições sociais diferenciadas. Chama atenção para o envolvimento de meninos na cidade do Rio de Janeiro com o tráfico e a criminalidade, para os meninos dos países em guerra que usam armas, matam e se expõem ao risco de morte, e, das meninas da Índia que são assassinadas simplesmente por nascerem mulheres, e ainda, crianças que trabalham precoce e arduamente, fazendo do trabalho brincadeiras e sobrevivendo na sociedade que lhes nega tudo. Exemplificando a diferença, conta algumas histórias que ilustram a diversidade: do menino vendedor de balas, do menino que só queria afeto, da menina que tinha dificuldades na escola, mas que cuidava com competência da casa e dos irmãos, do filho único de classe média que, desde pequeno, é tratado para ser campeão, dos irmãos trapezistas que aprenderam muito na vida, do menino que queria aprender a ler jornal por amor, da professora que na infância não

⁽¹⁾ Doutoranda em Educação pela Unicamp. Professora do Curso de Pedagogia e do Curso de Especialização em Educação Especial da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Coordenadora Pedagógica de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP – Região Leste.



Resenha

aprendeu a ler, mas na juventude encontrou o sentido desta aprendizagem pelo desejo do amor. Enfim, Regina nos apresenta a busca de compreender porque alguns, apesar de toda a adversidade, no espaço possível da ação escolar, têm sucesso, mesmo que aparentemente fadados ao fraco, através das pesquisas acerca da resiliência, baseada nos estudos do francês Boris Cyrulnik, o qual analisa a capacidade que alguns têm de recompor-se diante de fortes impactos, reconstituindo e superando a precariedade. Usando a metáfora da história do Patinho Feio, nos evidencia que não interessa fazer dos patinhos feios todos cisnes homogêneos e sim belos patos que, na sua diversidade, seriam potencializados para fazer assumir o papel transformador na sociedade.

Em “Era uma vez... Quer que conte outra vez? - As gentes pequenas e o indivíduo” Sandra Corazza remete-nos à história da infância com um jeito muito especial de contá-la, fora da lógica do adulto. Detectando as equivalências impostas às crianças ao longo da história da humanidade, a autora nos oferece uma ótica de análise bastante criativa, identificando a criança com brinquedos, com adultos homens e mulheres, com animais, com a família, com desenhos animados e com um modelo predeterminado de escola. Falando das políticas públicas voltadas à infância, da globalização, da revolução burguesa, do capitalismo, com a possibilidade de encantar e sensibilizar prazerosamente a todos que lêem.

Sandra C. Baron, em “Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o aprender”, conta inicialmente, sobre uma conferência assistida com o filósofo Peter Pál Pelbart, na qual conheceu o manifesto da bailarina portuguesa Vera Montero acerca de não serem supérfluas as atividades de entretenimento, ou seja, que o entretenimento é vital. A partir desta premissa, baseada em Winnicott e em Vygotsky, Sandra Baron trata o brincar e o jogo como constitutivo dos sujeitos, em sua relação com o mundo, enquanto uma atividade complexa imprescindível a todos nós que precisamos construir e transformar nossas experiências de adultos e de crianças.

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais, em “Histórias e narrativas na educação infantil”, trata da experiência com as histórias para as crianças. Destaca o que muitos já ouvimos ao contar uma história: conta de novo! Este desejo ilimitado que as crianças têm de ouvir novamente a história é revelador de que há um tipo de narrativa que envolve plenamente as crianças, com um desejo incansável de ouvir e ouvir a história que lhe é contada e que nunca será a mesma, ainda que repetida e repetida. Para Jaqueline a narrativa não está em extinção, apesar da crise assinalada por Benjamim. Fala dos espaços de narrativas dos docentes na educação infantil onde compartilham o vivido, suas experiências.

Manuel Jacinto Sarmento, Alexandra Bandeira, Raquel Dores, em “Trabalho e lazer no cotidiano das crianças exploradas”, tratam do estatuto social da infância, diferenciando o trabalho infantil da exploração do trabalho da criança. Os autores tratam de uma dimensão de análise do trabalho infantil, a partir de uma pesquisa no Vale do Ave em Portugal, com 315 crianças, a qual revelou, sobretudo a urgência de rever conceitos trabalho/lazer ou adulto que trabalha/criança que estuda.

Maria Paula G. Meneses, em “Para uma visão mais abrangente do sentido da educação e dos saberes”, fala de uma luta global por uma sociedade justa, a qual requer pensarmos nos processos educativos numa forma mais abrangente. A partir de uma análise dos movimentos de libertação de Moçambique, evidencia a necessidade de assumirmos o que é realmente emancipatório na diversidade de saberes, num diálogo tenso e construtivo em seu interior.

Finalizando a obra, Regina Leite Garcia transcreve uma história escrita por um menino chamado Diniz, a qual lê-la é bem melhor:

A história sonhadora

Era uma vez uma história que, mal tinha sido escrita, tinha sido trancada numa

arca. Ela sonhava com o mundo dos humanos que nunca tinha visto. Imaginava-os a viverem em pequenas casas de madeira, no meio dos campos, e a cuidarem de animais. Tão grande era o desejo de sair dali que, passados muitos anos, a arca abriu-se como que por encanto! Aproveitando uma pequena brisa, abriu as suas páginas e foi a voar. Mas o que viu não era nada do que imaginava, para onde quer que olhasse, só via prédios e cimento. Voou até a um campo que tinha avistado, mas, quando lá chegou, viu caçadores a perseguirem uma

gazela. Ao ver tudo isto, a história teve o enorme desejo de voltar para a sua velha arca e continuar a viver no seu mundo dos sonhos. Mas primeiro foi a uma tipografia e fez cópias de si mesma para que as crianças daquele horrível mundo pudessem ler. Depois, voltou para a arca e lá se fechou porque preferia sonhar a encarar o mundo onde vivia. Agora, com o passar do tempo as crianças têm uma história para ler que é esta história que eu estou a escrever (Diniz)

Por esta e outras histórias, vale a pena conhecer a obra.